



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XV – VALENÇA/ BA

GISELE APARECIDA ALVES SANTOS

Práticas pedagógicas ou militares? *Impasses quanto aos objetivos da
prática escoteira*

v.1

VALENÇA
2010

GISELE APARECIDA ALVES SANTOS

Práticas pedagógicas ou militares? *Impasses quanto aos objetivos da
prática escoteira*

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado a Universidade
Estadual da Bahia – UNEB,
Campus XV, do Curso de
Pedagogia, como requisito
avaliativo da Disciplina TCC, sob
orientação da professora Ms. Silvia
Lucia Lopes Benevides.

v.1

**VALENÇA
2010**

Dedicatória:

Dedico este trabalho a Deus quem sempre ajudou e de quem não posso jamais esquecer, aos meus guias, mentores espirituais e anjos da guarda, que me auxiliaram em todo processo de construção do trabalho. À minha mãe, Dja, minha avó, Hildete, meu noivo e companheiro César, ao professor e amigo de todas as horas, Paulo José.

Agradecimentos:

Agradeço em primeiro lugar àquele que me apoiou e me auxiliou desde o momento do meu nascimento até os dias de hoje, alguém que sei poder contar em qualquer momento da vida e que jamais me abandonará independente da circunstancia em que eu esteja passando Deus que com toda sua sabedoria traçou o meu destino desde o momento da minha reencarnação. Aos espíritos de luz, meus guias espirituais e meus irmãos parceiros de uma vida toda e de uma eternidade, devo a todos vocês a concretização deste trabalho, sem o apoio e o auxilio de vocês este, não teria se concretizado.

A minha família, em especial minha mãe (Dja) e minha avó (Hildete), que me acolheram e me deram tudo que seria necessário para o meu desenvolvimento intelectual, moral, espiritual e humano, fizeram de mim uma pessoa íntegra e de bons princípios. A meu noivo César, um chefe escoteiro, que me disponibilizou todo material necessário para pesquisa, quem me apoiou, soube ser compreensivo nos momentos necessários, e sempre muito companheiro também em outras disciplinas ao longo do curso. Junto com minha família, foi alguém que talvez em sua falta eu não tivesse desempenhado todas essas atividades de forma tão tranqüila.

Agradeço também aos meus amigos, companheiros de residência universitária e ex-colegas de ensino médio, não citarei nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém. Meu sincero agradecimento ao professor Paulo, amigo e companheiro de todas as horas, que me mostrou um mundo ainda desconhecido e que hoje tenho orgulho de fazer parte, meu irmão espiritual que com certeza levarei por toda a eternidade. À professora Silvia, quem aceitou o desafio do tema, e me auxiliou nos momentos mais difíceis.

O meu muito obrigada a todos citados ou não, pois com certeza, todos têm uma parcela de “culpa” no meu crescimento, em todas as coisas que aprendi e por hoje ser a cidadã que sou, e a futura educadora que serei.

*“Quando ouvimos, esquecemos; Quando vemos, lembramos;
Mas quando fazemos, aprendemos”. (BADEN-POWELL,
1984).*

Resumo:

A partir de uma revisão histórica, apresenta-se o contexto social e político em que surge o escotismo analisando a influencia das grandes guerras mundiais na produção da sua filosofia. Observa que para além da denominada militarização da infância, amplamente denunciada pelos críticos do movimento, é visível a existência de práticas pedagógicas amplas e eficazes no processo educativo escoteiro voltado para crianças e jovens que se enquadram nos moldes da educação não-formal. Como percurso metodológico lançou-se mão de revisão bibliográfica, adotando como referências teóricas fundamentais os estudos de Baden-Powell (1984); Gonh (2004 2008); Jaume Trilla (2008); Freire (1996) e Tomé (2006), além de análise dos documentos Estatuto, (2009, p. 12) Decreto (2008, p. 3) Fica evidente que ao longo dos tempos as práticas escotistas vêm tomando cada vez mais um caráter pedagógico, desvincilhando-se dos modelos rígidos e padronizados que lhe aproximava do modelo de educação militar. Espera-se com esse trabalho contribuir com o exercício prático do escotismo e produção de fundamentos pedagógicos para sistematização dessa prática, além de socializar em nível acadêmico tais experiências, ampliando as possibilidades interventivas que a pedagogia apresenta.

Palavras - chave: Escotismo, Práticas Pedagógicas e Educação não – formal.

Abstract:

From a historical review, we present the social and political context in which it appears Scouting analyzing the influence of the great world wars in the production of his philosophy. Notes that in addition to the so-called militarization of childhood, widely denounced by critics of the movement, it is apparent that there is ample and effective teaching practices in the educational process Scout facing children and youth who fall along the lines of non-formal education. As a methodology it employed a literature review, using as references fundamental theoretical studies of Baden-Powell (1984); Gonh (2004 2008); Jaume Trilla (2008), Freire (1996) and Thomas (2006), and analysis documents Statute (2009, p. 12) Decree (2008, p. 3) It is evident that over time the Scout practices are taking an increasingly pedagogical character, detaching themselves from the rigid models and standardized it approached the model of military education. It is hoped that this work contribute to the practical exercise of scouting and production of pedagogical rationale for the systematization of this practice, and socialize at the academic level such experiments, increasing the chances that the pedagogy presents interventive.

Key - words: Scouting, Pedagogical Practices and Non - formal education.

SUMÁRIO

1	Percurso e contexto da pesquisa.....	9
2	Escotismo e Militarismo: <i>impasses quanto aos objetivos presentes na prática escoteira</i>	12
2.1	Baden-Powell e o surgimento do escotismo	12
2.2	O contexto histórico à época da criação do movimento escoteiro.....	14
2.3	O escotismo no Brasil.....	19
3	A pedagogia escoteira: <i>um campo de atuação para o pedagogo</i>.....	26
4	O escotismo na atualidade e suas práticas pedagógicas.....	36
5	Conclusão	50
6	Referencias bibliográficas:.....	52

Percurso e contexto da pesquisa

A escolha do tema surgiu no momento em que fui apresentada a um grupo denominado “Escoteiros do Mar Almirante Alberto Lemos Bastos”, no ano de 2008 e acentua-se no curso dos componentes curriculares: Pesquisa e Estágio em Espaços não - formais e Gestão Educacional, os quais me oportunizaram aprofundamentos teóricos e exercícios práticos sobre a educação não-formal.

Estes acontecimentos suscitaram questões em relação às práticas escoteiras serem de fato pedagógicas. Vale destacar que na atual fase de formação acadêmica que me encontro: concludente do curso de Pedagogia, essas indagações tornaram-se presentes nas leituras diversas que o mundo em sua dinâmica se apresenta.

Coadunamos, em parte, com as críticas feitas ao escotismo enquanto atividade que ainda traz um forte ranço militar, na rigidez das regras de uniformização, saudação à bandeira, impessoalidade nas relações e formas de comunicação por meio de comandos. No entanto, vemos na prática do escotismo formas educativas interessantes que tem muito a contribuir com os processos formativos globais envolvendo crianças e jovens. Não é a toa que tal movimento atraiu e atrai crianças e jovens. São mais de 500 milhões de pessoas associadas ao escotismo desde o seu surgimento, existindo hoje mais de 28 milhões de crianças e jovens registrados em um Grupo Escoteiro.

As produções legais apresentam o escotismo como uma modalidade que possui em sua essência a pedagogia, classificando-a como uma educação extra-escolar. Entretanto, ainda não se tem muitas produções sobre o escotismo perspectivado enquanto modalidade educativa, muito menos sendo analisada nos moldes da educação não-formal.

A educação não-formal compreendida como aquela que se dá em ambientes extra – escolares, extrapola os muros institucionais da escola, contudo, embora se apresente como tal, possui uma intencionalidade pedagógica. O que muda nessa essência educacional é a forma de direcionamento das atividades realizadas: o espaço, o tempo e os agentes. A prática do escotismo se enquadra perfeitamente nesse modelo educativo.

Como percurso metodológico utilizou-se a revisão bibliográfica, por considerá-la um procedimento eficaz para acesso às informações produzidas no campo pesquisado. Nessa adotou-se como referências teóricas fundamentais, os estudos de Baden-Powell (1984); Gonh (2004 2008); Jaume Trilla (2008); Freire (1996) e Tomé (2006). A análise documental foi outro recurso adotado, cujas fontes escritas possibilitaram acesso às informações produzidas no campo pesquisado.

Promoveu-se uma garimpagem nos documentos: Estatuto, (2009, p.12) Decreto (2008, p. 3) Obtendo-se informações valiosas dos princípios, preceitos, métodos e conceitos utilizados pelos escoteiros. Essa análise possibilitou identificar os conceitos de educação e aprendizagens subjacentes às práticas escoteiras, bem como possibilitou o conhecimento dos métodos e estratégias utilizados.

Para organização didática o trabalho foi organizado em três capítulos: A partir de uma revisão histórica, apresenta-se no primeiro capítulo denominado Escotismo: *práticas militares ou pedagógicas?* O contexto social e político em que surge o escotismo: na Inglaterra, origem do movimento, ressaltando a intencionalidade do seu fundador e estende-se para o Brasil. Tendo por pano de fundo os eventos das guerras mundiais, analisa a influencia dessas na produção da filosofia escotista, destacando, entretanto que para além da denominada militarização da infância, amplamente denunciada pelos críticos do movimento, é visível a existência de práticas pedagógicas amplas e eficazes no processo educativo voltado para crianças e jovens.

No segundo capítulo *A pedagogia escoteira: um campo de atuação para o pedagogo realiza-se* uma apreciação das modalidades educativas existentes, educação formal, não-formal e informal, identificando nessa análise a prática do escotismo enquanto modalidade de educação não-formal. Portanto, espaço de atuação profissional para o pedagogo.

No terceiro capítulo, *O escotismo na atualidade e suas práticas pedagógicas*, promove-se uma análise nos documentos legais que amparam o movimento escotista, destacando os objetivos do movimento, metodologias, atividades desenvolvidas e agentes de ensino. Fica evidente que ao longo dos tempos as práticas escotistas vêm tomando cada vez mais um caráter pedagógico, desvencilhando-se dos modelos rígidos e padronizados que lhe aproximava de um modelo de educação militar.

Nessa direção, acreditamos que nosso trabalho muito tem a contribuir com o exercício prático do escotismo e com uma produção de fundamentos pedagógicos para sistematização dessa prática, além de socializar em nível acadêmico tais experiências, ampliando as possibilidades interventivas que a pedagogia apresenta.

1 Escotismo: *práticas militares ou pedagógicas?*

1.1 Baden-Powell e o surgimento do escotismo

O Escotismo nasceu entre 1907 e 1908, fundado por Baden-Powell, em Londres na Inglaterra, um militar que defendia estar formando um movimento de essência pedagógica e educacional. Nesse período de nascimento do movimento escoteiro, eclodia a primeira guerra mundial, o mundo estava em guerra, por esta razão, o escotismo foi visto durante muito tempo como exercício de praticas eminentemente militares. É fato que se origina em atividades voltadas para militares, o que não é de se admirar visto o contexto histórico-político da época, no entanto, o que mobiliza o seu idealizador na divulgação dos métodos utilizados são os aprendizados que os jovens podem adquirir a partir da experiência do escotismo.

Conta-se que tudo começou durante a Guerra do Transval em 1899. Baden-Powell comandava a guarnição do entroncamento ferroviário de Mafeking, cuja posse era de grande valor estratégico. A cidade foi durante meses vítima de ataques de forças inimigas muito superiores, e só se manteve graças à inteligência e coragem de seu comandante, cujas atitudes inspiravam a atuação de seus comandados. Como dispunha de poucos soldados, ele treinou todos os homens válidos da cidade para usá-los como combatentes e para os serviços auxiliares, primeiros socorros, comunicação, cozinha, etc., organizando um corpo de cadetes com adolescentes na cidade. As maneiras como os jovens desempenhavam suas tarefas, seus exemplos de educação, lealdade, coragem e responsabilidade, causaram grande impressão em Baden-Powell e, anos mais tarde, este acontecimento teria grande influência na criação do escotismo (THOMÉ, 2006)

Baden-Powell era um conhecedor das tribos de guerreiros da África, vaqueiros americanos, e conviveu também com índios da América e do Canadá. Essa larga vivência mobiliza-o para o desenvolvimento de um amplo programa educativo que possibilitasse aos jovens ensinamentos práticos sobre questões relacionadas à sobrevivência, respeito consigo próprio, disciplina e convivência social.

Com um grupo de aproximadamente vinte rapazes, Baden-Powell seguiu para a ilha de Brownsea, no Canal da Mancha realizando o primeiro acampamento escoteiro, onde pode compartilhar com os jovens, ensinamentos sobre, primeiros socorros, técnicas de segurança principalmente na floresta, meios de sobrevivência, como cozinhar no mato dentre outras coisas. As atividades foram iniciadas em 29 de julho (saída) e a prática aconteceria de 1 a 8 de agosto, com retorno marcado para dia 9. Vale à pena salientar que toda essa atividade foi devidamente informada aos pais, e que todos os jovens envolvidos participaram mediante entrega das autorizações por escrito e assinado, como ainda ocorre nos dias atuais para participações em atividades escoteiras.

Em 1908, B-P (como também era chamado) escreveu “Escotismo para Rapazes”, que inicialmente era vendido em bancas de revistas e jornais publicados em forma de fascículos. O entusiasmo fora toa grande por parte dos jovens ingleses, que B-P resolveu fundar o Movimento Escoteiro.

Em 1910, ele passa a compreender o escotismo como uma obra que merecia uma maior atenção dele, por isso resolve se afastar do Exército e passou a dedicar-se apenas ao Movimento que a cada época que passava, ganhava mais e mais adeptos.

No primeiro acampamento internacional, que hoje é conhecido pelos escoteiros como Jamboree, ocorrido em agosto de 1920, realizado na Inglaterra, com cerca de vinte mil jovens, representando 32 países, B-P foi aclamado pela primeira vez como Chefe Escoteiro Mundial. Depois de tanto sucesso e reconhecimento pelo seu talento com os jovens, B-P faleceu aos 83 anos de idade, na madrugada de 8 de janeiro de 1941, enquanto dormia.

1.2 O contexto histórico à época da criação do movimento escoteiro

Vale destacar que no período da criação do escotismo a Europa ganhava um espaço maior em relação aos outros países era um momento de apogeu da sociedade liberal capitalista, este crescimento e destaque, trás consigo mudanças, e estas eram as próprias incoerências pertencentes e essenciais do modo de produção capitalista, de um lado a miséria do proletariado em meio à abundância, do outro as crises de superprodução, a irrequieta busca pelo comercio, e as dificuldades sociais e econômicas (KOSHIBA, 1987).

Esse legado de situações levou a uma crise mundial liberal capitalista, que fez surgir a evolução da Primeira Guerra Mundial ganhando proporção em 1914. Na época, alguns não acreditavam na possibilidade de uma guerra crescente, em sua maioria os homens, que mesmo às vésperas dos conflitos tornarem-se mais acentuados, acreditavam que seria apenas uma guerra rápida, do tipo das que vinham ocorrendo no século XIX e a paz estabelecida desde o fim das guerras napoleônicas e o equilíbrio europeu, construído no Congresso de Viena desde 1815, teriam um fim, Koshiba afirma que:

A Europa não mais brilhava sobre o mundo... Ofuscada pelos esforços de guerra, seu declínio era inevitável. Os problemas sociais e econômicos

agravaram-se: a classe média se pauperizava e a pressão operária aumentava. Em meio à guerra, a Revolução Socialista explodira na Rússia, e, agora, representava uma ameaça para a Europa. (1987)

Embora houvesse um crescimento e destaque dos Estados Unidos e do Japão, a Europa exercia em 1914 a hegemonia econômica e política sobre o resto do mundo, econômica porque dominava grande parcela da produção mundial, 62% das exportações de produtos fabris, e mais de 80% dos investimentos de capitais no exterior, definindo os preços no mercado mundial, era considerado como a maior importadora de produtos agrícolas e matérias-primas dos países que hoje compõem o Terceiro Mundo, e supremacia política pelo fato de na sua expansão o capitalismo europeu levou à necessidade de conter os países da Ásia, África e América Latina.

Á Europa era desigual quanto à estrutura econômica e política. Dos 23 Estados europeus, 20 eram Monarquias e só a França, Suíça e Portugal eram Repúblicas. Os regimes políticos eram constitucionais, mas o Parlamentarismo, forma típica do Liberalismo Político, só existia de fato na Grã-Bretanha, Bélgica e França, pois os demais países, apesar de constitucionais, possuíam formas autoritárias de governo, como a Áustria-Hungria e a Alemanha. (ARRUDA, 1977)

As dificuldades sociais refletiam a desigualdade dos arcabouços sócio-econômicas, nos países da Europa Centro-Oriental a nobreza dominava, enquanto que nos países da Europa Ocidental, o desenvolvimento punha face a face, burguesia e a classe operária. No entanto, o aviso de uma conflagração social era distante naquela ocasião, posto que a maior parte dos partidos socialistas tendesse à moderação, concordando com as apostas políticas do Liberalismo, as únicas exceções eram alguns grupos de esquerda, como os Bolchevistas russos.

A primeira Guerra teve início em 1914 e perdurou até 1918, no início setes estados europeus participavam, eram estes: Áustria-Hungria, Rússia, Sérvia, Inglaterra, Bélgica, França e Alemanha. Em 23 de agosto, o Japão juntou-se aos Aliados e, em novembro, a Turquia uniu-se às Potências Centrais, desta forma a guerra adotou um caráter mundial ao grau que as colônias desses países se envolveram.

O grande ápice da guerra aconteceu em 1917, caracterizada pela gravidade da campanha submarina alemã, inclusive contra os navios neutros, pela entrada dos Estados Unidos no conflito e remoção da Rússia da guerra, com a trégua firmada em dezembro, após os Bolchevistas terem tomado o poder. A entrada norte-americana no conflito foi crucial pelo fato dos países envolvidos enfrentarem naquele ano problemas internos, a Rússia observava a destituição da Monarquia em março e a tomada do poder pelos Bolchevistas em novembro; na França, depois da fracassada ofensiva, as tropas se rebelaram; a Inglaterra encontrava-se à beira de uma crise, e mesmo estando entre as Potências Centrais o estado não era bom, uma vez que a campanha submarina alemã havia falhado e as dificuldades de fornecimento eram grandiosas. O episódio mais marcante, no entanto, foi a união dos Estados Unidos às potências definindo praticamente o rumo da Guerra.

Desde o início, os EUA financiavam o esforço: de guerra franco-inglês, sem, no entanto, abdicar de sua neutralidade. Mas a ameaça de uma derrota da Entente, que poria em risco os investimentos norte-americanos nesses países, foi aos poucos levando os EUA a abandonar seu "neutralismo". Os acontecimentos se precipitaram quando a Alemanha declarou ao Presidente Wilson sua intenção de bloquear as ilhas britânicas e a França, tornando perigosa a situação dos navios neutros. A campanha da imprensa igualmente estimulou a entrada dos EUA na guerra. Em abril, o Congresso, por proposta de Wilson, declarou guerra à Alemanha. (KOSHIBA 1987)

O apoio norte-americano foi crucial financeiramente falando, os EUA passaram a assessorar abertamente os países da Entente, de maneira econômica, foi um golpe na campanha submarina da Alemanha, que passou a ser dificultar, ao mesmo tempo em que, a entrada em cena dos contingentes norte-americanos dissolveu o equilíbrio, já hipotético, alimentado pelas Potências Centrais; diplomaticamente, a maioria dos países da América Latina declarou guerra às Potências Centrais.

Em 11 de novembro de 1918 os representantes do Governo Provisório alemão assinaram em Rethondes a trégua que colocava fim à guerra, com relação a esse acontecimento Koshiba, diz que:

Esta foi à primeira guerra da qual participaram todas as principais potências do mundo, embora de certa maneira não tivesse deixado de ser, no fundo, uma “guerra civil européia”. As guerras anteriores, contudo, se restringiram à Europa e eram travadas entre Estados de economia agrícola. Em 1914 foi diferente: as principais potências envolvidas eram industriais, foram utilizados todos os novos experimentos técnicos e a população civil sentiu na carne a guerra. (1987).

Enquanto essas guerras aconteciam no mundo, O Brasil não era indiferente a essas questões, no entanto, outros acontecimentos eclodiam aqui no país também, este passava pelo período da República Velha, **que** entre 1889 a 1930.

No final de século XIX, e início do século XX, o crescimento do capitalismo acendeu enormes modificações no mundo inteiro, como já fora dito acima. No Brasil, este fato, acabou por se tornar o responsável pela abolição da escravatura, e a proclamação da república. Por toda parte aconteciam reajustes sociais que obrigaram a adaptação, modificando as remotas formas de relação social.

Seguindo este viés, em diversas localidades do mundo, ocorriam articulações de movimento contrário às modificações, por parte da coletividade onde o aparelho de dominação não tinha ostentado ainda um caráter confessadamente capitalista. Eram sociedades rústicas em que as analogias sociais continuavam a estar sujeito de laços de lealdades pessoais. No Brasil, essas revoltas foram representadas, sobretudo, pela Guerra de canudos e o contestado.

Essas revoltas surgiram em virtude das alterações provocadas pelo modo capitalista, que desestabilizou as velhas maneiras de coordenação e dominação sociais. O capitalismo fez com que tudo que estava por detrás de uma capa fosse descoberto, mostrando dessa forma a opressão e a miséria dessas sociedades campestres arcaicas. As rebeliões tornaram-se desta maneira, um protesto

calamitoso versus a exploração e a miséria, no entanto, protestos sem concepções definidas.

Quase sempre, as aspirações dos rebeldes primitivos se mesclavam à profunda religiosidade, sem orientação política. Daí a razão do seu isolamento e, conseqüentemente, do seu fracasso entre as forças representativas dos poderes constituídos. (KOSHIBA, 1987)

Algumas das guerras ocorridas no Brasil foram: A guerra de Canudos ocorrida em 1870 uma grande expressão do movimento rural no país, onde o seu idealizador era Antonio Conselheiro, ocorrida no sertão nordestino: A guerra dos Contestados que aconteceu por volta de 1912 e 1916, em Santa Catarina e Paraná, e foi justamente a Guerra dos Farrapos quem fez surgir a última guerra citada acima bem como a revolução federalista também em 1893.

O recrutamento de soldados e marinheiros, desde o período colonial, era feito de forma extremamente violenta, este recrutamento, ocorria de forma forçada e arbitrária, e na grande maioria das vezes, pessoas de origem humilde eram recrutadas, os que possuíam algum recurso, conseguiam a não participação no serviço militar. Além de serem obrigados a participar do serviço militar, estes passavam por situações sub-humanas que iam desde uma má alimentação, até castigos corporais.

Essa situação não perdurou por muito tempo, em 22 de novembro de 1910, o marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes, fora condenado a 250 chibatadas, e como de costume, os companheiros eram obrigados a observar, não suportando a situação, os mesmos (os companheiros), se rebelaram dando início ao que ficou conhecido como a revolta da chibata.

Os demais navios que estavam estacionados na Guanabara também se envolveram: O São Paulo, O Bahia e O Deodoro, o líder desta revolta fora o marinheiro João Candido (o Almirante Negro). Embora este acontecimento tenha sido antecipado, o que ocorreu já estava programado para ocorrer, como afirma Arruda:

Assim, os rebeldes estavam razoavelmente organizados, o que lhes permitiu dominar com rapidez os quatro navios. O Comandante de Minas Gerais, Batista Neves, foi morto, juntamente com outros oficiais. (1977).

A finalidade da revolta, nada mais era do que opor fim ao fim do castigo corporal (as chibatas) e uma melhor qualidade na alimentação, como afirmou o cabo Gregório Nascimento. João Cândido mandou pela rádio um comunicado ao catete (Palácio do governo), avisando que bombardearia a cidade e os navios que não se rebelassem se por ventura as suas exigências não fossem acatadas de forma rápida, o presidente desse período era Hermes da Fonseca.

E foi assim que ocorreu um dos maiores períodos de guerra militar, tanto no mundo como no Brasil, algumas revoltas, reivindicações e lutas, conseguiram alcançar êxitos, outras resultaram apenas em massacre, algumas vezes para a sociedade, outras vezes para uma cidade inteira.

A crise vivenciada pela Europa a partir da primeira guerra começa a fortalecer e atrair uma parcela cada vez maior da população para tendências políticas comunistas e fascistas, assim como em um clima de insatisfação crescente o mundo se vê diante de uma segunda guerra. Conforme observa Corti (2010). A segunda Guerra “envolveu interesses econômicos, mas foi marcada também pela defesa de interesses ideológicos que punham em disputa várias visões sobre a política, o homem e a sociedade”. Esse movimento começa a questionar os modelos educativos em voga, tencionando principalmente a eficácia da escola, o que repercute no fortalecimento de práticas educativas não escolares enquanto políticas públicas educacionais.

1.3 O escotismo no Brasil

No Brasil, o escotismo passou a ser comentado a partir de 1º de Dezembro de 1909, na revista Ilustração Brasileira de numero 13, editada no Distrito Federal e

no Rio de Janeiro. Em 1922 no primeiro congresso Escoteiro do Brasil, os destaques foram para algumas teses que discutiam assuntos relacionados ao escotismo, exemplos destes foram: Escotismo e Militarismo, por Basílio Phyrson (ANO) , e A militarização do escotismo, por Benevento Cellini (ANO), já no segundo congresso em 1923 as duas teses que mais polemizaram, foram: A instrução militar e os escoteiros do Brasil por Cyro Nunes Pereira (ANO) ; e A instrução militar no escotismo por Jurucey de Aguiar (ANO).

Durante esse período foram muitos os registros de reação contrária por parte de alguns militares com relação ao movimento escoteiro, a exemplo de segundo tenente Jesus de Oliveira, proprietário do jornal Lyance, editado no ano de 1915 em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, afirmando que ao invés da implantação de uma associação escoteira na cidade, deveria haver um incentivo para a participação de jovens na carreira militar.

A militarização da infância pelo meio do escotismo escolar foi o caminho adotado por aqueles que almejavam, no Brasil, transformar o Movimento fundado por B-P em política de estado. Os principais líderes, como, dirigentes de educação, viam o Escotismo com um molde educativo que poderia complementar o trabalho das escolas, proporcionando ao escotismo, importância, legitimação e reconhecimento oficial.

Foi considerado inclusive como militarismo, por causa do emblema, muitos diziam que o brasão do escotismo se apresentava como uma cabeça de lança, que era visto como uma luta e derramamento de sangue, na verdade essa afirmação acabou não passando de uma especulação, o próprio Baden-Powell, tratou de resolver o problema, afirmando que o brasão ostentava a flor de lis, que significava a pureza e a paz. Existe uma lenda ou seria uma afirmativa que exemplifica a questão da escolha deste brasão, e que é apresentada por Baden-Powell.

Na Idade Média, Carlos, Rei de Nápoles, por causa de sua ascendência francesa, ostentava a flor de lis em seu brasão. Durante seu reinado Flávio Gioja, navegador, aperfeiçoou a bússola, transformando-a num instrumento

prático e seguro. Na bússola vêem-se as iniciais dos pontos cardeais : norte, sul, leste e oeste. Em italiano o norte 'tramontana' . Assim ele colocou um T grande para marcar o norte. Mas em homenagem ao rei, fez o desenho, combinando a flor de lis com o T. Desde então, o norte é representado universalmente por esse desenho, em mapas, roteiros e bússolas. (1986)

Nessa perspectiva, observa-se o significado da flor de lis como aquela que aponte para uma direção certa, ou seja, o auto, não se desviando nem pra direita, ou esquerda, dessa forma não se perderia o rumo. Já as estrelas que se apresentam nos dois lados do broche, são consideradas como os olhos do lobinho, que na simbologia escoteira, os olhos se abrem antes dele se tornar um escoteiro, já as três pontas da flor de lis lembram a sua promessa, e o deve para com Deus e com o próximo.

O escotismo é reconhecido em 11 de junho de 1917, pelo presidente, Wenceslau Braz, sendo considerado como unidade pública, através da ABE (Associação Brasileira de Escoteiros), é que de modo organizado, leva o escotismo para todo país, com representações em diversos estados, entre eles estava à Bahia. O decreto que faz o escotismo tornar-se reconhecido é de nº 3.297, e em 24 de janeiro de 1946, é reconhecido no país como instituição extra-escolar, conforme Decreto-Lei de nº 8.828, (THOMÉ, 2006).

Art. 1º - Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada à educação extra-escolar, como órgão máximo de escotismo brasileiro.

Art. 2º - A União dos Escoteiros do Brasil manterá sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira.

Art. 3º - A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4º - A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação dos seus fins.

A finalidade das instituições escolares, no entanto, era de militarizar as crianças, vale a pena ressaltar, que as tentativas de militarização da infância ocorreram

quando ainda nem existia escotismo na Inglaterra, que dirá no Brasil. Em 1906, no estado de Minas Gerais, foi introduzido neste estado, exercícios militares, revelando desta forma, uma situação de projeto de elites sociais brasileiras e não de movimento escoteiro, reforçando que esta prática escolar não era exclusivamente brasileira, como comenta Souza:

Na França, os exercícios militares e as linhas de tiro foram inseridas nos planos de estudos das escolas normais e primárias no início da década de 1880. Uma lei de 1882 instituiu os Batalhões Escolares, considerados organizações necessárias para a República e armados com fuzis de fabricação específica para este fim. (2000).

Muito embora o escotismo tenha sido fundado por um militar, é louvável a intenção do mesmo de tentar fazer com que este movimento fosse puramente pedagógico, é bem verdade que existem resquícios de uma cultura militar por detrás do movimento, no entanto, a militarização da infância em nada teve haver com o escotismo, como já fora relatado acima, o mundo vivia em clima de guerra, e para reforçar isso, as escolas se utilizavam de um movimento que ainda nem havia sido fundado para “abafar” as verdadeiras intenções em formar pequenos militares, preparar para guerras.

O Escotismo deve ser compreendido e caracterizado como um movimento educacional ligado diretamente a crianças e jovens, com a colaboração voluntária de adultos, este tipo de movimento não possui nenhum vínculo político-partidário nem religioso, e visa uma participação coletiva independente de raça ou credo, como está proposto pelo seguimento escoteiro.

Seu desígnio maior é ajudar os jovens a construir valores morais e mostrar a essas pessoas que elas são capazes de fazer o diferencial na comunidade em que vivem através de uma participação responsável e leal para com o meio em que estes estão inseridos, quem assume ser um escotista, deve ostentar a responsabilidade pelo desenvolvimento de cada jovem e criança participante.

O método escoteiro deve ser focado na vida e vivência em equipe, incluindo a descoberta e aceitação progressiva de responsabilidade, a disciplina assumida voluntariamente, e capacidade para cooperar e para liderar, compreendendo os jogos, estimulado por um sistema de distintivos, vida ao ar livre e em contato com a natureza, interação com a comunidade e ambiente de fraternidade, considerando a realidade e o ponto de vista de cada membro, a confiança nas potencialidades de cada jovem, o exemplo pessoal do adulto e seções com número limitado de jovens e faixa etária própria.

Os Princípios que orientam o Escotismo estão definidos na Promessa Escoteira, base moral que se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo são elas: Dever para com Deus; Dever para com o próximo; Dever para consigo mesmo. Algumas mudanças começam a ocorrer na vida de um jovem quando este participa das atividades, que são experiências educativas que contribuem para o crescimento integral, este jovem deve começar a pensar em sua contribuição para a formação do seu próprio caráter que é um, requisito para o êxito em qualquer profissão, na formação da família e na vida em sociedade.

O Escotismo está organizado em **RAMOS**, que se distinguem por programas e atividades diferentes, dentro da mesma metodologia escoteira, buscando uma adequação a idade de cada participante, é importante frisar, no entanto que em cada **RAMO**, existem chefes que normalmente são adultos maiores de idade que escolhem uma determinada seção de acordo com seu interesse pessoal.

* Ramo **LOBINHO**, para meninos e meninas de 7 a 10 anos de idade, denominados Lobinhos e Lobinhas. “Seu lema é ‘O melhor possível’”. Essa fase é a da fantasia, das histórias, de toda mística que envolve o menino Lobo e a sua criação.

* Ramo **ESCOTEIRO**, para rapazes e moças de 11 a 14 anos de idade, denominados Escoteiros e Escoteiras. Seu lema é “*Sempre alerta*”. Essa já é a fase das aventuras e das descobertas dos acampamentos e atividades de grupo,

é nessa fase que fica mais forte e mais claro ainda a importância de se trabalhar em grupo.

* Ramo **SÊNIOR**, para rapazes e moças de 15 a 17 anos de idade, denominados Seniores e Guias. Seu lema é “*Sempre alerta*”. Época de desafios e superação destes, fase para descobrir a força interna de cada um de forma individual e coletiva.

* Ramo **PIONEIRO**, para rapazes e moças de 18 a 21 anos de idade, denominados Pioneiros e Pioneiros. Seu lema é “*Servir*”. É nessa fase que os jovens começam a refletir e analisar todo conhecimento adquirido nas outras fases, e a perceber a importância de servir as pessoas que necessitam de serviços.

É interessante perceber a divisão dos ramos dentro de cada grupo, a forma como são estabelecidas e escolhidas atividades, tendo em foco sempre tanto a faixa etária dos indivíduos, como a intencionalidade pedagógica e educativa que deve haver em cada atividade realizada, é importante frisar que não é atividade por atividade ou brincar por brincar, é algo maior que está relacionada ao desenvolvimento educacional dos sujeitos envolvidos.

Do ponto de vista pedagógico, desenvolver atividades lúdicas e brincar, é uma produção de cultura, é uma forma de aprendizagem, essencial e interessante tanto para os jovens como principalmente para as crianças, é algo que não é bem trabalhado e desenvolvido pelos espaços formais como afirma Borba:

A brincadeira é uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças. Porém, ao menos nas sociedades ocidentais, ainda é considerada irrelevante ou de pouco valor do ponto de vista da educação formal, assumindo freqüentemente a significação de oposição ao trabalho, tanto no contexto da escola quanto no cotidiano familiar. (2006)

O que não é bem trabalhado, do ponto de vista lúdico no espaço formal, pode e deve ser tratado nos espaços não-formais de ensino, é justamente o caso do

escotismo que visa trabalhar bem como focar nas questões subjetivas dos indivíduos, pensando na produção cultural que acaba se realizando, bem como no desenvolvimento cognitivo dos envolvidos, além de uma questão extremamente humanizadora:

Por um lado, podemos dizer que a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. (BORBA, 2006)

O conjunto de técnicas é imprescindível para que se conseguir atividades, mas não há um plano de progressão baseado na aquisição de conhecimentos e habilidades, a progressão das crianças e jovens se amplia com base na conquista de condutas desejáveis, próprias para aquela etapa de desenvolvimento em que a criança está situada, as condutas desejáveis são apresentadas às crianças e jovens em Guias próprios, na forma de Objetivos, que devem se transformar em Objetivos Pessoais.

Embora divididos por áreas e etapas de desenvolvimento, os objetivos educativos formam um todo, e estão articulados em direção de objetivos finais, que são as condutas que esperamos dos jovens quando completam o tempo no Ramo Pioneiro. Os Objetivos são apresentados, discutidos, modificados e acordados com a participação ativa dos jovens, estes não controlados como se fossem provas ou exames, e sua conquista se constata pela observação constante, durante certo período de tempo, em que se verifica que uma conduta foi adquirida e para avaliar se os objetivos foram conquistados, a opinião do jovem é fundamental.

O Movimento Escoteiro, trás consigo uma essência voluntária por parte, de todos que participam do movimento, buscando trabalhar nas crianças, adolescentes e jovens, princípios e valores éticos para que possam surgir cidadãos de caráter e com princípios humanitários. E a apropriação desses princípios pelos jovens, ocorre através de vivencias e atividades de acampamento, normalmente ao ar

livre junto à natureza, jornadas, trilhas, excursões, dentre outros, pensando inclusive na formação da consciência ecológica do indivíduo, de proteção ao meio em que estão inseridos.

·
O escotismo foi, por sem dúvida, uma das invenções mais geniais que têm surgido no campo pedagógico, pois é experiência de educação cristã em plena vida”. A primeira das finalidades do escotismo é fazer do jovem ‘o homem do dever’, o homem que tem um corpo de princípios morais aos quais dá preeminência e que a eles de mantém fiel pelo compromisso de honra assumido por ocasião da ‘promessa’ [...] (THOMÉ 2006)

Por concordar com a afirmação de Thomé, quando diz que o escotismo é uma das invenções mais geniais que poderia ter surgido no campo pedagógico educacional, é que no próximo capítulo serão evidenciadas e discutidas questões pertinentes às práticas pedagógicas dos escoteiros, por que esta modalidade é vista e evidenciada como uma pratica pedagógica, mesmo com tantas discussões acerca do que é militar e do que é pedagógico permitido dessa forma compreender e intensificar a situação entre teoria e prática do Movimento Escoteiro.

2 A pedagogia escoteira: *um campo de atuação para o pedagogo*

O curso de pedagogia desde o seu surgimento em 1930, tem se focado no que diz respeito à formação, bem como atuação do educador na educação formal, isso quer dizer que nesta época, a formação do pedagogo se restringia apenas a “dar aulas”. Com o passar do tempo e amadurecimento do curso, houve uma série de regulamentações, estas ocorreram nos anos de 1939, 1962, 1969, no entanto, essas regulamentações não propiciaram uma grande flexibilização. (MACHADO 2002)

Em 1996, ocorria um aperfeiçoamento educacional, o que propiciou uma ruptura do que era considerado como padrão, nascem assim, as diretrizes curriculares, neste momento, ocorrem debates que punham em cheque a formação e atuação do pedagogo, bem como da proposta de fragmentação da atuação do pedagogo, nesse momento são incluídas, discussões que fazem com que se reflita a questão da atuação do pedagogo em diversos espaços.

Durante muito tempo pensou-se no(a) pedagogo(a), como um profissional específico para dar aulas, isto inclusive já fora comentado acima, sendo associado ao ensino de forma exclusiva para crianças, isso, deve está ligado até pelo significado, inclusive pelo fato de “peda” do nome pedagogia, ter seu significado na Grécia, “paidós” , significa crianças, por esta razão, tenha se criado este mito com relação a pedagogia, sobre isto Libâneo diz que:

Essa tradição teria se firmado no início da década de 30, com a influência tácita dos chamados “pioneiros da educação nova”, tornando o

entendimento de que o curso de pedagogia seria um curso de formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória. O raciocínio é simples: educação e ensino dizem respeito às crianças. (2001)

Pensar na formação de um pedagogo como um profissional que está vinculado apenas ao ensino de crianças ou até mesmo de jovens e adultos, é como se fosse um ideário do senso comum, uma regressão. A pedagogia se ocupa na realidade com a formação de crianças, jovens e adultos, bem como dos seus processos de ensino aprendizagem, métodos, processos cognitivos e em seu processo mais amplo, a pedagogia é vista como um campo de conhecimentos sobre questões pertinentes a problemática educativa em toda a sua extensão, ao tempo que funciona como uma orientação das ações educativas.

Ela tem um caráter ao mesmo tempo educativo, praxiológico e normativo da realidade educativa, pois investiga teoricamente o fenômeno educativo, formula orientações para a prática a partir da própria ação e propõe princípios e normas relacionados aos fins e meios da educação. (LIBÂNEO, 2002)

Nesse sentido pode-se compreender a pedagogia como um campo que se ocupa dos estudos relacionados à educação em toda a sua extensão, bem como em todos os seus processos, esta tem a função de se preocupar com questões pertinentes ao ensino, seus processos, suas teorias e práticas.

Como fora explanado de forma breve nos parágrafos anteriores sobre o conceito da pedagogia e como este se modificou com o passar dos tempos, vale a pena salientar, que assim como o conceito de pedagogia, o conceito de educação também sofreu alterações e ampliou-se, principalmente por ser apontada por intelectuais, políticos e leigos como uma das soluções mais acentuadas para enfrentar os problemas sociais impostos, principalmente no que diz respeito ao progresso das tecnologias da comunicação e da informação, bem como o da globalização, Por esta questão, pode-se observar que o conceito de educação difundiu-se, deixando de estar limitado apenas ao processo de ensino

aprendizagem, nas unidades escolares formais, ultrapassando os muros para os espaços não-formais e informais de educação.

Desta forma, a educação é concebida como uma busca pela emancipação dos sujeitos, podendo libertar os atores sociais da subordinação e opressão. A modalidade educacional nos espaços não-formais debate procedimentos educativos que ocorre fora das escolas, em metodologias constituídas pela sociedade, abarcando movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos.

Em um breve passeio sobre o histórico da educação, pode-se observar que na Grécia Antiga, os educadores, eram os poetas da cidade, que recitavam suas poesias, passando desta forma as histórias dos seus antepassados, pelo fato da filosofia ter uma forte influencia política, era desejo dos filósofos que essa forma educativa ocorresse:

A Filosofia é filha da *pólis* e, em conseqüência, a Filosofia é a Política, de modo que, na impossibilidade de se separar estas duas instâncias intimamente ligadas, dispõe, com o resultado da práxis. Esta, por sua vez, torna-se o elemento pelo qual a teoria se concretiza. Não basta, contudo, somente o envolvimento nas e com as questões que caracterizam o cotidiano da *pólis* para se atingir este estágio político, mas antes, é necessário submeter-se a um gradativo e sistemático processo de aprofundamento, de modo que se veja claramente onde estão assentadas tais questões. Tal processo não é outro senão o da Educação. (SOARES, 2002)

A educação era vista como uma forma de construção para uma boa cidade, por esta razão era tão importante o papel de um legislador, era ele o responsável por uma boa formação familiar, contribuindo dessa forma para um melhor funcionamento da sociedade a qual faziam parte. Quando falamos em educação, tem-se claro a sua amplitude. No século XVII, conforme cita Trilla (2008), o barão Charles de Montesquieu já identificava essas como “três educações diferentes ou contrárias; a dos nossos pais, a dos nossos mestres e a do mundo”.

Para uma maior compreensão, será apresentada de maneira breve, um pouco das características de cada modalidade educativa, a educação formal, a informal, e a não formal, salientando, no entanto, que a ênfase maior será dada a aspectos pertinentes e pertencentes à educação não-formal, que é justamente o nosso espaço de pesquisa e discussão.

Na educação formal, existe um ambiente, uma estrutura física a qual chamamos de escola, com diversas regras e padrões comportamentais já pré-estabelecidos e definidos, existem objetivos que se relacionam ao ensino, aprendizagem, de conteúdos sistematizados e normatizados por leis. Esta modalidade educacional demanda tempo, uma estrutura física como já fora citado acima, profissionais especializados e competentes nessa área, órgãos superiores, leis que regulamentem o local, entre outras coisas. A esse respeito, Gohn afirma que:

Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento. Na educação formal espera-se, sobretudo que haja uma aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados. (2006)

Na educação informal, os educadores são: pais, família, vizinhos, colegas, igrejas, meios de comunicação seja ela tecnológica ou não, entre outros. Esta tem seus próprios espaços definidos por diversas referências, normalmente trata-se do bairro onde de mora, ou da igreja, até mesmo a própria casa ou a rua, é uma questão realmente muito mais informal e que se dá em um ambiente muito particular do indivíduo, o que provocando um sentimento de pertencimento já que trata-se de um local bastante conhecido do educando:

A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. (GOHN 2006)

Esta opera em caráter emocional, envolve sentimentos, e normalmente não se espera resultados, eles ocorrem a partir do desenvolvimento do senso comum dos indivíduos, o mesmo senso que permite a orientação da forma de agir e pensar.

Quando se fala em educação não-formal, percebe-se certa comparação em determinados aspectos por parte de alguns autores, alguns até observam as duas modalidades educativas como sinônimas, por esta razão, é que foi necessário conhecer um pouco sobre o que vem a ser cada modalidade educativa que trata-se de um campo de atuação do pedagogo, para que não ocorram confusões com relação aos conceitos.

Na perspectiva do modelo freireano, a educação não-formal, surge no Brasil, na década de 60 como a educação popular, tratando-se de uma abordagem teórica, pensando na educação de adultos, que mais tarde difundiu-se, influenciando de forma direta nas campanhas de alfabetização. (Machado, 2002)

A educação popular era vista por Freire, como uma modalidade educacional onde poderia abarcar ação, reflexão e práxis, todas trabalhando conjuntamente na tentativa de obter uma educação humanizadora, objetivando um ensino mais justo e democrático, a partir das vivências dos indivíduos participantes, contribuindo desta forma para o processo de pertencimento da identidade de cada sujeito.

Vale a pena ressaltar, que a única forma de sobrevivência para a educação popular, na época do seu nascimento, era através da educação não-formal. Para as camadas mais pobres, foi um momento de bastante relevância, visto que a educação formal era voltada para as camadas mais favorecidas:

[...] os meios formais de educação, como escolas e livros, além de promoverem uma educação voltada para as elites e seus interesses, são inacessíveis à maioria das massas populares, mercê das barreiras de custos e dos privilégios de seleção e promoção, e das desigualdades de condições, francamente favoráveis aos grupos mais pobres. Contata-se que, por exemplo, no quadro institucional brasileiro, que de 200 alunos que iniciam o curso primário apenas 90 o terminam. Destes, apenas 10 concluem o secundário e somente um alcança a universidade. (AÇÃO POPULAR apud BRANDÃO, 1984).

È nesse sentido que surgem as primeiras experiências e formação sobre as necessidades do surgimento da educação popular, buscando uma educação de melhor qualidade para as camadas menos privilegiadas. As práticas da educação popular são pautadas no desenvolvimento de atividades diferentes acordadas com as realidades de cada um, nessa perspectiva, a educação popular, acaba construindo um referencial, pelo fato de atender os princípios comuns e especificidades locais dos sujeitos.

Por compreender a educação não-formal intimamente interligada com a educação popular, será feita uma análise um pouco mais detalhada de agora por diante da educação não-formal. Por esse breve relato, pode-se perceber a intenção da educação popular, quando se busca fazer uma releitura das realidades dos indivíduos e utilizar essas vivências como um método educativo.

Por essa razão, pode-se compreender a educação não-formal como aquela que ocorre em outros espaços da vida social, com metodologias e ações diferenciadas das unidades formais de ensino, este caráter sugere que suas atividades educativas são ocasionadas fora do ambiente escolar, esta ocorre normalmente por parte de ONGs, empresas, sindicatos rurais, comunidades, associação de moradores, grupos organizados, entre outros.

Segundo Gadotti (1993), a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Suas atividades quando programadas, objetivam a aprendizagem, observando as especificidades culturais, históricas e biológicas, a idéia da cultura está intimamente ligada a esta modalidade educacional. Ainda está se construindo a idéia de desenvolvimento das atividades não-formais em ONGs e outras instituições, no entanto, esta vem abrindo portas no ponto de vista profissional, espaço para os educadores que se interessam por esta área.

È imprescindível que se tenha claro, que a educação não-formal, não deve ser observada como contrária à educação não-formal, ela deve ser compreendida como um espaço onde as informações e as formas de aprendizagens são

coletivas, proporcionando uma aprendizagem efetiva, do ponto de vista subjetivo, emocional e cognitivo.

O educador que trabalha nesta perspectiva deve ter claro, que este não é apenas animador cultural, é ele quem deve desenvolver um papel ativo, propiciando ao grupo participante atividades desafiadoras, instigando a vontade de crescimento e desenvolvimento dos participantes. Os educadores que atuam na perspectiva da educação não-formal devem dinamizar e construir os processos de maneira que traga benefícios aos envolvidos.

As metodologias utilizadas devem ser pautadas nas fundamentações teóricas e nas ações práticas fazendo com que se trabalhe de forma espontânea, é uma boa saída para manter o dinamismo, no entanto, este não deve ser compreendido como um fator dominante para o desenvolvimento das atividades, pois como em todo trabalho educacional, este não funciona de forma diferenciada, deve conter, princípios, metodologias de trabalho e metas.

Numa outra perspectiva que se difere em partes da visão da educação popular, o surgimento da educação não formal, no Brasil, é na década de 80, esta, era uma área sem grande destaque ou importância, a ênfase maior era dada à educação formal, tanto no que se refere aos educadores, como no que diz respeito às políticas públicas. Num dado momento, esta ganhou uma maior evidência, no entanto, esta ainda era vista como uma expansão da educação formal, pelo fato de ocorrer nos ambientes externos às unidades escolares. Contudo, Gohn (2006) afirma que a educação não-formal vai muito além, propiciando a participação e a emancipação dos indivíduos capacitando-os para o exercício pleno da cidadania, uma vez que conduz a uma leitura de mundo que os cerca através das experiências vivenciadas em seus espaços cotidianos.

O fato é que a educação não-formal está garantida e documentada como um espaço de atuação do pedagogo, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, onde

amplia-se o conceito de educação incluindo desta forma novos espaços educativos.

Fazendo nesse momento, uma diferenciação do que se concebe como educação formal e não formal, observa-se a educação formal como aquela que: Pressupõe ambientes normalizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente (Gohn 2006). E a educação não-formal como aquela que:

[...] ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN 2006)

Observa-se nessa questão, à defesa do movimento escoteiro enquanto educação não-formal, visto que esta modalidade educativa ocorre em ambientes espontâneos, além de caracterizar-se enquanto atividade que possui intenção pedagógica, uma interação coletiva, bem uma participação de todos envolvidos nas atividades.

As atividades que ocorrem, objetivam pensamentos com relação a formação de sujeitos que possam atuar de uma forma mais significativa em sua comunidade, reforçando a importância de se formar cidadão com valores éticos.

Enquanto modalidade educativa não-formal a prática escoteira também busca capacitar os sujeitos para se tornarem sujeitos do mundo, no mundo, seu desígnio é fazer com que os indivíduos, provem da árvore do conhecimento, deixando dessa forma de ser pobres, possibilitando a abertura de portas e janelas para os saberes que circulam no mundo e suas relações sociais (Demo, 1996). Esse conhecimento é intencional, no entanto, não é percebido a princípio, os objetivos são construídos gradativamente como afirma Gohn quanto á educação não-formal:

Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (2006)

A nomenclatura, não-formal tem sido utilizada de forma bastante significativa no campo educacional, para estabelecer conhecimentos e atividades variadas, diversificadas das atividades e vivências que acontecem normalmente no meio educacional formal. Desta forma, deve ser classificado como não formal toda e qualquer atividade que não seja realizada nas escolas e/ou aquelas que não ocorram nos espaços informais, como já fora citado acima.

A educação não-formal busca transmitir os conhecimentos através das informações adquiridas historicamente pelos homens e mulheres, visando a dissociação das instituições formais, vale a pena reforçar, que as ecoes educativas se dão de forma diferenciada da que ocorre normalmente nas instituições formais de ensino, quando se refere às relações de ensino - aprendizagens, Gohn considera que: “Na educação não-formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos.” (2005)

A educação não-formal tem como chave principal e básica, as aprendizagens que se dão através de práticas sociais, é a prática por meio de trabalhos que visam à coletividade, provocando estas aprendizagens, os conhecimentos são apreendidos de forma significativa, através das informações historicamente acumuladas. Nesta perspectiva Gohn diz que:

[...] a educação não formal tem sempre um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente. O processo ocorre a partir das relações sociais, mediadas por agentes e assessores, e é profundamente marcado pelos elementos de intersubjetividade à medida que os mediadores desempenham o papel de comunicadores. (2008)

É dessa forma que acontecem as relações de ensino – aprendizagem no movimento escoteiro, as ações ocorrem sempre mediadas pelos assessores, que neste caso são os voluntários que atuam no movimento, pensando na legitimação dos conhecimentos historicamente acumulados trazidos pelos indivíduos, e reforçando os laços de pertencimento local existente dentro de cada indivíduo.

Por esta razão, o Escotismo é considerado bem como legitimado por lei como um espaço não formal, e mais, por conceber que a educação e seus processos de ensino aprendizagem ocorrem nestes outros espaços, observa-se o Movimento Escoteiro dentro desta modalidade de ensino, visto que todas as práticas realizadas pelos voluntários envolvidos nos processos e nas atividades escoteiras, buscam esta intencionalidade pedagógica e educativa.

Observa-se desta forma, que o ensino não-formal, oportuniza a práticas de vivências para cada indivíduo, fazendo com que estes, interiorizem e concretizem seus conhecimentos de forma acentuada. Observando na ótica da cognição, é substituída a forma usual de se transferir informações como se é utilizado nas instituições formais, e as informações e conhecimentos passam a ser através das descobertas, através da ludicidade da criatividade, as informações ocorrendo de uma forma mais interessante e significativa para aqueles que participam.

Dentro do movimento, existe algo denominado como método escoteiro e este é compreendido com inúmeras informações, este, é um instrumento que o Movimento Escoteiro utiliza para alcançar seu enfoque específico na educação de jovens. Muitas outras modalidades educacionais adotaram noções do método escoteiro e alguns deles são atualmente utilizados em escolas, clubes juvenis e outros ambientes. Mas nenhum deles utiliza o Método Escoteiro, propriamente dito, aquele que é aplicado em um ambiente de tempo livre, entre paredes ou ao ar livre, com a colaboração de adultos voluntários, proporciona o ambiente seguro no qual o jovem pode conhecer e aprender a partir de suas vivências, e assim crescer e se desenvolver como ser humano único que será ainda mais autônomo,

colaborador, responsável e comprometido com seus direitos e deveres de cidadão.

Nesse sentido, por compreender e conceber, a educação como um processo que ocorre e perdura por toda a vida de um dado indivíduo caracterizado como um desenvolvimento continuado das aptidões de efetivação dos processos pessoais, como indivíduos e membros de uma sociedade, é que defende-se que a educação está muito além das instituições formais, e no movimento escoteiro existe espaço bem como efetivação para estes processos contínuos de conhecimentos.

3. O escotismo na atualidade e suas práticas pedagógicas

A evolução e amadurecimentos dos processos educativos sempre foram alvo de amplas discussões, pelo fato especialmente de abordar questões pertinentes às metodologias de ensino, aos espaços, tempos e agentes educacionais. Quando nos referimos à educação ou aos educadores, remete-se não apenas aos espaços escolares ou aqueles agentes formados tradicionalmente nos moldes acadêmicos formais, amplia-se para os educadores que fazem parte das camadas populares, para as instituições e espaços não-formais, e informais, Gadotti, afirma que:

Enraizada na sociedade de classes escravista da Idade Antiga, destinada a uma pequena minoria, a educação tradicional iniciou seu declínio já no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A educação nova, que surge de forma mais clara a partir da obra de Rousseau, desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O conceito de “aprender fazendo” de John Dewey e as técnicas Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terão um lugar garantido na educação do futuro. (2000)

É notável o grande avanço das transformações ocorridas na sociedade contemporânea a qual fazemos parte, as informações estão cada vez mais rápidas e globalizadas, e o processo de mutação, ocorre também nas instituições de ensino, e esse processo de ampliação educacional, são cada vez mais discutidos e debatidos pelos meios de comunicação, desta maneira, a pesquisa no âmbito educacional, acabam ocupando um espaço central na investigação de perspectivas que permitam uma inovação na prática educacional.

Nesta perspectiva, as práticas pedagógicas dos educadores, necessitam estar pautadas neste momento de crescentes transformações, observando e tendo um cuidado maior com relações de conduta nos processos de ensino – aprendizagens, onde as práticas realizadas pelos educadores, atuem de forma significativa, na efetivação dos sujeitos envolvidos neste processo, é necessário que se saiba orientar e conduzir estes processos, no sentido de amadurecimento das informações.

É preciso ter claro, que os educadores nos dias atuais devem estar atentos quanto a sua prática pedagógica, objetivando o amadurecimento dos educandos em seu processo emancipatório e autônomo, visando a necessidade de ter uma postura norteadora nos processos educativos, já que é a sua prática, quem formará o desenvolvimento intelectual dos indivíduos participantes do processo.

Por compreender que o escotismo possui em suas atividades práticas pedagógicas, que auxiliam de forma expressiva na formação do caráter dos sujeitos que do movimento participam, defende-se esta modalidade, como sendo uma forma de aprendizagem que vai além dos muros das escolas, e que podem auxiliar de uma forma muito gratificante para o desenvolvimento intelectual dos mesmos.

Nos dias atuais, pode-se observar o escotismo, em varias partes do mundo, sendo constituído por diversos tipos de povos, crenças e raças. Este movimento

fora fundado pelo Lord inglês Baden-Powell, sendo caracterizado como um movimento educacional constituído por voluntários e funcionaria como uma atividade que complementaria a educação formal,. Sobre escotismo, Thomé diz que:

O escotismo foi, por sem dúvida, uma das invenções mais geniais que têm surgido no campo pedagógico, pois é experiência de educação cristã em plena vida. A primeira das finalidades do escotismo é fazer do jovem 'o homem do dever', o homem que tem um corpo de princípios morais aos quais dá preeminência e que a eles de mantém fiel pelo compromisso de honra assumido por ocasião da 'promessa' [...]. (2006)

A essência do movimento é voluntária, todos que fazem parte do grupo, quando não são jovens participantes, são adultos voluntários, buscando incentivar nos jovens que dele fazem parte como membros, princípios éticos e morais, tornando-os desta forma cidadãos de bem. Estes princípios são buscados e efetivados através de atividades em grupo, excursões, experiências junto a natureza onde pode ser trabalhado a questão do respeito à mesma, jogos, normalmente as atividade são realizadas em grupo, desta forma os participantes podem perceber a importância de se trabalhar em conjunto, bem como de respeitar o espaço do outro.

Esse é um ponto bastante pertinente, muitos professores reclamam que seus educandos não conseguem desenvolver atividades de cunho coletivo, pelo fato de se individualizarem e saber fazer apenas individualmente, nesse aspecto, o escotismo busca evidenciar que as práticas coletivas dão certo, depende apenas da forma que essas atividades serão conduzidas.

O Escotismo surge no período em que a escola clássica era densamente discutida, pelo fato desta, ter surgido em meio a uma avalanche de correntes pedagógicas sendo consideradas como novas na época, por conta disto, este passou a ser interpretado como um manipulador da infância e da adolescência, talvez até pelo fato de ter sido confundido durante muito tempo com o militarismo,

e suas práticas terem sido vistas como práticas militares, nesta perspectiva, pode-se afirmar que o escotismo é uma:

[...] pedagogia organizada durante a primeira década do século XX, falando em ensinar disciplina aos jovens, fixar valores, desenvolver habilidades e difundir saberes, conforme alguns padrões recorrentes às práticas da Pedagogia Moderna naquele período [...] (NASCIMENTO 2005).

Vale a pena salientar, que quando o jovem ultrapassa a idade máxima de 21 anos, ele torna-se um chefe, onde se torna o responsável por seus seguimentos, neste caso Alcatéia (lobinhos) e tropas (escoteiros seniores e pioneiro). É a chefia quem se encarrega do desenvolvimento das atividades e do cuidado aos jovens participantes.

No principio, o escotismo, era destinado, apenas para meninos e rapazes, com o passar do tempo, no entanto, a vontade das meninas em participar, tornou-se grande, dessa forma, foi criado um movimento que abarcaria apenas as meninas, estas eram denominadas de guias ou bandeirantes.

Hoje as meninas podem participar tranqüilamente dos grupos, sendo lobinhas quando possuem a idade de 7 a 10 anos e guias quando vão mudando de idade e fazendo as promessas escoteiras, quando se tornam maiores de 21 passam a ocupar um cargo de chefia, dentro de um grupo.

Existe um conceito muito discutido dentro do movimento, trata-se do Método Escoteiro que é descrito como um sistema, isto implica que deve ser concebido como um grupo de elementos independentes, formando um todo unificado e integrado. Por isso a palavra “método” é usada no singular. Só podemos falar de método escoteiro quando todos os elementos estão combinados em um sistema educacional integrado.

Cada um destes elementos tem uma função educacional, os elementos são destinados a contribuir para o processo educacional de uma maneira específica e elementos como estes, complementam o impacto dos outros, todos os elementos são, no entanto, necessários para que o sistema como um todo funcione e devem ser usados de forma que sejam condizentes com o propósito e princípios do escotismo.

O Método escoteiro, com aplicação planejada e de forma sistemática, avalia os diversos níveis do movimento, caracteriza-se pelos seguintes elementos: Lei e promessa escoteira; aprender fazendo; vida em equipe; atividades progressivas e desenvolvimento pessoal pela orientação individual. A lei escoteira se expressa da seguinte forma:

- O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que sua própria vida;
- O escoteiro é leal;
- O escoteiro deve estar sempre alerta para ajudar o próximo;
- O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros;
- O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação;
- O escoteiro é cortês;
- O escoteiro é bom para animais e plantas;
- O escoteiro é obediente e disciplinado;
- O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades;
- O escoteiro é ecumênico e respeita o bem alheio;
- O escoteiro é limpo de corpo e alma. (BADEN-POWELL, 1984)

A lei escoteira é um código para a vida de cada escoteiro, individualmente e para os membros da seção, coletivamente, baseado nos princípios do escotismo. Por meio da vivência deste código aplicado no cotidiano, esta lei proporciona uma maneira concreta e prática para cada jovem compreender os valores que o escotismo propõe como base para a vida de cada um.

A promessa é um compromisso pessoal de fazer o seu melhor possível para viver de acordo com esse código que cada jovem assume perante seu grupo de pares, quando ele ou ela decide integra-se ao escotismo. Ao assumir a promessa escoteira, o jovem toma uma decisão consciente e voluntária de aceitar a lei

escoteira e assumir a responsabilidade desta decisão mediante esforço próprio “fazer o melhor possível”. O fato de assumir a promessa diante de seus pares não só torna público o comprometimento pessoal como também simboliza em comprometimento social com os demais. Assumir a promessa representa o primeiro passo no processo educacional. A lei e a promessa são consideradas como um único elemento, pelo fato de estarem intimamente ligadas.

Aprender fazendo significa desenvolver um resultado por meio de uma primeira experiência, em oposição à instrução teórica. Isto reflete a maneira ativa por meio da qual o jovem adquire conhecimento, habilidades e atitudes; demonstra a aproximação prática do escotismo e a educação, baseando-se em aprender vivenciando oportunidades para experiências que despontam no curso dos interesses pretendidos e na vida diária. Por este meio o jovem é auxiliado no desenvolvimento de todas as dimensões da personalidade, extraindo o que é pessoalmente significativo de tudo experimentado.

A vida em equipe é visto como um elemento chave do método escoteiro. Grupos de pares aceleram a socialização, possibilitam a identificação de todos os membros com objetivos que lhe são próprios, permitem o profundo conhecimento de outras pessoas e facilita a apreciação mútua, a liberdade espontaneidade, criando uma atmosfera privilegiada para que o jovem cresça e se desenvolva. O pequeno grupo possibilita a descoberta e aceitação progressiva de responsabilidades prepara para o seu próprio controle, por meio da disciplina assumida voluntariamente, além de desenvolver a capacidade tanto para cooperar quanto para liderar.

A vida em equipe, baseada na tendência natural dos jovens de formar pequenos grupos, canaliza a influência substancial que os pares exercem entre si em uma direção construtiva com os outros jovens e adultos, além de representar uma oportunidade para aprender a viver de acordo com uma forma democrática.

As atividades progressivas são destinadas ao cumprimento de um programa centrado em uma combinação equilibrada de atividades variadas, voltadas para os interesses e necessidades dos participantes. Os jogos, a vida ao ar livre em contato com a natureza, o domínio de técnicas e habilidades úteis, a interação com a comunidade e a participação em seu desenvolvimento, a mística e o ambiente fraterno motivam a participação do jovem e explicam porque é tão elevado o índice de comparecimento às atividades.

O desenvolvimento pessoal pela orientação individual se evidencia na forma como se considera a realidade e o ponto de vista de cada jovem, cujo potencial se deposita a mais absoluta confiança. O educador adulto, mantendo-se como tal, se incorpora à vista juvenil, prestando o seu testemunho pessoal de respeito aos valores preconizados pelo movimento e ajudando a descobrir e revelar, orientando, nunca dirigindo ou controlando.

Este estilo de presença facilita o diálogo e a cooperação entre as diferenças e a liderança adulta como um serviço à autonomia e liberdade dos jovens, neste aspecto, me reporto a Freire quando faz a seguinte afirmativa: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (1996)

Nesse sentido, percebe-se a importância de respeitar, bem como provocar nos sujeitos, a busca pela autonomia, os voluntários do movimento escoteiro, devem ter como marco principal questões éticas que possibilitem a prática de atividades que reforcem a autonomia bem como as identidades dos sujeitos envolvidos.

Desta maneira, o voluntário, estará permitindo ao jovem progredir em seu próprio ritmo na direção geral dos objetivos educacionais relacionados à faixa etária, ganhando confiança e reconhecendo ao progresso feito, o sistema progressivo é a principal ferramenta usada como suporte deste elemento do método escoteiro.

Atualmente segundo dados do site oficial do escotismo, desde a sua fundação até o ano de 2009, foram mais de 500 milhões de pessoas em todo o mundo que já fizeram parte do movimento escoteiro. Hoje, tem-se a informação que são mais de 28 milhões de jovens e adultos em todo o mundo, estando presente em 216 países, estes continuam a seguir os ensinamentos de Baden-Powell, o fundador do escotismo. Segundo dados do próprio site, a missão do escotismo consiste em:

Contribuir para a educação de jovens, por um meio de sistema de valores baseado na Promessa e na Lei escoteiras, para ajudar a construir um mundo melhor onde as pessoas se realizem como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL)

Nesta perspectiva observamos a intencionalidade educacional e pedagógica como um importante meio de busca pela qualificação e aprendizagem do indivíduo que do movimento participa, como já fora dito em outro momento do texto, nenhuma atividade é feita sem nenhuma intencionalidade, todas têm uma justificativa para acontecer, como muitos deles até afirmam, ser uma complementação para as atividades desenvolvidas nas instituições formais e informais de ensino.

No Brasil, o escotismo está presente em todo território nacional, possuindo 993 grupos devidamente registrados, são 60 mil pessoas associadas, sendo que destes 6 mil são considerados carentes, são 45 mil crianças e jovens e 15 mil adultos.

No início do capítulo, foi feita uma breve apresentação sobre as leis escoteiras, no entanto se faz necessário apresentar de forma mais detalhada, de que se trata cada uma delas, vale a pena ressaltar que quando B-P organizou as leis escoteiras, ele baseou-se nos 10 mandamentos da igreja católica, e mais tarde nas leis do Rei Artur, na Távola Redonda.

A primeira Lei Escoteira que faz menção à honra, esta valendo mais do que a própria vida de um escoteiro, diz que, nenhuma tentação por maior que esta seja

não pode jamais persuadir um escoteiro, e que este deve ser digno de toda e qualquer confiança, e que a promessa feita não volta atrás.

A segunda Lei Escoteira, onde afirma que o escoteiro é leal, diz que além de ser leal a pátria a qual se faz parte, deve ser leal a si mesmo, é necessário que se seja correto, correto, e não decepcionar, os companheiros, a família, a pátria e a si mesmo.

A terceira Lei Escoteira, diz que todos devem praticar uma boa ação diariamente, neste aspecto observa-se a necessidade do serviço, servir ao próximo sempre, merecendo confiança e esta sempre disposto a sacrificar seu tempo, em prol do outro.

Ser amigo de todos e dos escoteiros, é a quarta Lei, esta diz que, é necessário estar livre de todo e qualquer preconceito, aceitar e respeitar as pessoas, independente de sua nacionalidade, opção sexual, religião ou raça é olhar o outro como olharia a si próprio.

O escoteiro deve ser cortês, essa afirmativa, faz parte da quinta Lei Escoteira, é na verdade uma das leis mais difíceis de ser cumprida, esta reza que o escoteiro deve ser amável até mesmo com aqueles que se colocam de forma contrária ao escoteiro.

A sexta Lei Escoteira faz menção ao meio ambiente, devendo reconhecer como companheiro todas as criaturas que foram criadas por Deus, independente de serem seres humanos. Maltratar um animal é ferir as Leis de Deus e também uma Lei Escoteira.

O escoteiro deve ser obediente, sétima Lei Escoteira, fala de importância de ser disciplinado (a), salientando, no entanto, que esta obediência e disciplina deve ser

reconhecida como importante pelo próprio escoteiro, não imposta pelos chefes, monitores ou pais.

Conservar a calma e sorrir nas dificuldades, agüentar uma crise com animo e perseverança independente de qual seja, é uma característica da oitava Lei Escoteira.

Respeitar o bem alheio independente da situação a qual esteja passando, é a nona Lei Escoteira, este deve sempre pensar no futuro, e jamais gastar dinheiro e tempo objetivando apenas o momento, reconhecer as oportunidades e torná-las em pontos positivos para o futuro.

A décima e ultima Lei Escoteira, fala que o escoteiro deve ser sempre limpo de corpo e alma sendo desta forma, puro de sentimentos, agindo com franqueza e honestidade, podendo servir de exemplo para os demais companheiros.

Conhecer essas Leis de uma forma mais aprofundada pode-se perceber de fato, os grandes vestígios das questões religiosas, já que estas foram baseadas nos 10 mandamentos da igreja católica, no entanto o escotismo defende não ter nenhuma religião ou obrigar os seus seguidores a uma. De fato isto ocorre, já que todos podem pertencer ao grupo independente da religião a qual façam parte. O respeito à religião do outro é um dos princípios norteadores mais fortes e marcantes do escotismo.

No escotismo são apresentadas três modalidades, que apesar de se apresentarem como distintas diferenciam-se apenas no que diz respeito ao traje utilizada por cada modalidade. Por tratar em trajes ou uniformes, Baden-Powell fala que:

O uniforme é uma grande atração para o menino e porque se assemelha ao traje dos *mateiros*, leva-o em imaginação a sentir-se ligado a esses heróis da fronteira, que tanto o fascina. O uniforme favorece também a fraternidade, uma vez que, adotado por todos, nivela os sinais exteriores das diferenças de classe e de origem. (BADEN-POWELL, 1984)

No Brasil, ainda é muito freqüente a utilização dos trajés, há uma especulação entre escotistas, que na Inglaterra já não é mais obrigatório, isso, no entanto, trata-se apenas de especulação, não se observou nada que comprove esta afirmativa. Aqui na Bahia, a utilização dos trajés é bem visto pelas crianças e jovens, eles sentem-se mais “arrumados” e as famílias num contexto geral, se orgulham dos filhos trajados.

Dentro do movimento, existe um livro que serve como guia para os membros que participam do grupo, ele é anual, e todos os anos, apresenta uma versão atualizada de formas de organização, fundamentos, orientações financeiras, entre outros, ele é conhecido pelos membros do grupo como o POR (princípio de organização e regras), este funciona como um guia pedagógico para auxiliar os “chefes” nas atividades que irão desenvolver.

Segundo o “POR” o escotismo é dividido em três modalidades, são elas: A Modalidade Básica, ou da terra, as atividades desta modalidade são desenvolvidas atividades em terra e ambiente mateiro; Modalidade do Mar, as atividades são desenvolvidas e orientadas preferencialmente em ambiente náutico; Modalidade do Ar, as atividades são desenvolvidas e orientadas preferencialmente em ambientes aéreos.

Os métodos que são aplicados buscam um planejamento sistematizado, objetivando a realização do que é planejado para a execução, através das crianças e jovens participantes de um dado grupo, sempre com a orientação e apoio de um adulto voluntário.

O “POR” é visto como uma cartilha de apoio às atividades que serão realizadas. No entanto, existe um órgão maior que é responsável pela organização deste material. A UEB (União dos Escoteiros do Brasil) é ela a responsável pelas questões institucionais dos grupos, e está dividida em três níveis: Local, Regional e Nacional:

Nível Local, este nível é considerado como um grupo escoteiro ou sessão autônoma são organizações locais, normalmente uma em cada bairro, onde este proporciona aos jovens a prática do escotismo, devidamente organizado e seguindo o Estatuto da UEB, que será discutido mais a frente e o POR. Um Grupo Escoteiro deverá ser constituído dos seguintes órgãos:

- **Assembléia de Grupo** - É o órgão deliberativo máximo do Grupo, composto pelos membros da diretoria, os pais ou responsáveis, os escotistas (chefes) e os pioneiros (membros juvenis com idade entre 18 e 21 anos) e representação juvenil, caso seja prevista no estatuto ou no regulamento do Grupo;
- **Diretoria do Grupo** - Órgão executivo, eleito pela Assembléia de Grupo a cada 2 anos, composto por no mínimo três diretores eleitos, sendo um o seu presidente, voluntários, podendo ser integrada por outros membros nomeados;
- **Comissão Fiscal do Grupo** - Órgão de fiscalização e orientação da gestão financeira e patrimonial, composto por três membros titulares e três suplentes eleitos pela Assembléia de grupo;
- **Seções do Grupo** - Organizadas de acordo com as faixas etárias
 - Alcatéias de até 24 Lobinhos e Lobinhas, de 7 a 10 anos;
 - Tropas Escoteiras de até 32 Escoteiros e Escoteiras, de 11 a 14 anos;
 - Tropas Seniores de até 24 Seniores e Guias, de 15 a 17 anos;
 - Clã de Pioneiros composto por Pioneiros e Pioneiras, de 18 até completar 21 anos. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL)

O nível regional, a Região Escoteira é a responsável no nível regional, da União dos Escoteiros do Brasil, abarcando, via de regra, uma Unidade da Federação. É através da Direção Regional, que o GE (Grupo Escoteiro) pode obter dados sobre Abertura de Grupos, Atividades Escoteiras Regionais, Cursos para Formação de Adultos e outros elementos sobre o Movimento Escoteiro. Os órgãos que compõem a Região Escoteira são:

- **Assembléia Regional** - É o órgão máximo, representativo e normativo, no nível regional, composto de cinco membros eleitos da Diretoria Regional, um representante da Diretoria de cada Grupo Escoteiro da Região, representante(s) do Grupo Escoteiro (*) e os membros do Conselho de Administração Nacional (CAN) residentes na Região;
- **Diretoria Regional** - Órgão executivo, eleito pela Assembléia Regional a cada 3 anos, composto por no mínimo 5 membros, sendo um deles o Diretor Presidente, que coordena, dirige e representa a Região;

- **Comissão Fiscal Regional** - Órgão de fiscalização e orientação, composto por três membros titulares e três suplentes eleitos pela Assembléia Regional;
- **Comissão de Ética e Disciplina Regional** - Órgão responsável pela emissão de pareceres em procedimentos disciplinares no âmbito regional, apreciando infrações éticas e disciplinares de qualquer participante que integre o nível regional. De caráter opcional é composta por três membros titulares e três suplentes eleitos pela Assembléia Regional. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL)

Não se tem muita informação com relação ao Nível Nacional, sabe-se apenas que é ela é a responsável por fiscalizar, coordenar os outros níveis, é a responsável por questões institucionais.

- A Assembléia Nacional;
- O Conselho de Administração Nacional (CAN);
- A Diretoria Executiva Nacional (DEN);
- O Conselho Consultivo;
- A Comissão Fiscal Nacional;
- A Comissão de Ética de Disciplina Nacional;
- O Escritório Nacional. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL)

Como já fora iniciado acima, será discutido a partir de agora, questões pertinentes ao Estatuto da União dos Escoteiros, do Brasil. Pode-se observar de forma clara, que o movimento não esta solto, existem regras, princípios, métodos e leis a serem seguidos, e estes são adotados pelos adultos voluntários. O que se observa é que o POR é constituído por regras, já o Estatuto da União dos escoteiros, por normas a serem seguidas e aplicadas se necessário, ocasionalmente utiliza-se em assembléia de grupos, vale a pena ressaltar que será apresentado o Estatuto baiano. Este se apresenta na forma da Lei da seguinte maneira:

Art. 1º - A Região Escoteira da Bahia, também denominada "União dos Escoteiros do Brasil-Região da Bahia", fundada no ano de 1917, é uma Associação civil de âmbito Regional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública Federal pelos decretos no 3297 de 11/07/1917 e no 5497 de 23/07/1928 e como Instituição de Educação Extra-Escolar pelo decreto no 8828 de 24/01/1946, de Utilidade Pública Estadual pelas leis no 3889 de 19/12/1980 e no 7083 de 22/04/1997, de Utilidade Pública Municipal (Salvador) pela Lei no 3084 de 09/04/1980, que congrega todos quantos pratiquem o Escotismo no Estado da Bahia, sediada na Rua José Duarte, no 49, Tororó, Salvador - Bahia. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL)

Neste aspecto, já se pode perceber o escotismo como sendo considerada uma instituição educacional, na perspectiva de educação não-formal, visto que este busca manter uma intencionalidade pedagógica, no entanto, não pode se constituir como instituição formal, por todos os argumentos aqui exaustos, nos capítulos anteriores.

Para compreender bem como complementar e reforçar, se faz necessária uma apreciação de trechos do Estatuto, para que este comprove de forma clara, todos os argumentos aqui apresentados, quando se referiu ao Escotismo como um movimento educacional classificado como educação não-formal, e as informações contidas no estatuto, só vem confirmar todas as informações debatidas:

Parágrafo 1º - O Escotismo é um movimento educacional de jovens, com a colaboração de adultos, voluntário, sem vínculos político-partidários, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o Propósito, os Princípios e o Método Escoteiro concebidos pelo Fundador Baden-Powell.

§ 2º - O Propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu projeto educativo.

§ 3º - Os princípios do Escotismo são definidos na sua Promessa Escoteira, base moral que se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo.

§ 4º - O Escotismo só pode ser praticado no Brasil por pessoas físicas ou jurídicas autorizadas pela UEB, como asseguram o Decreto nº 5.497 de 23 de julho de 1928 e o Decreto-Lei nº 8.828 de 24 de janeiro de 1946.

§ 5º - O Escotismo, como força educativa, propõe-se a complementar a formação que cada criança ou jovem recebe de sua família, de sua escola e de seu credo religioso, e de nenhum modo deve substituir essas instituições.

§ 6º - A Região Escoteira da Bahia também presta à comunidade serviços gratuitos, eventuais ou permanentes e sem qualquer discriminação.

§ 7º - A Região Escoteira da Bahia para realizar seus objetivos poderá firmar convênios e parcerias com empresas privadas, organizações públicas e do terceiro setor. Terão prioridade os projetos e programas destinados à área de educação, de meio ambiente, de socialização de crianças e jovens em busca da plena cidadania, inclusive projetos baseados no Protagonismo Juvenil e na Arte-Educação. Com este objetivo desenvolverá ações de capacitação de jovens e adultos como forma de inserção das famílias na sociedade. (www.escoteiros.org.br)

Compreender e conceber o espaço não-formal como uma importante modalidade educativa e que proporciona aos integrantes desta, uma qualidade educacional mais efetiva e de maior qualidade, é ainda algo um pouco distante. Acreditar então no escotismo como uma modalidade educacional que trás tantos benefícios e qualidades educacionais aos jovens e crianças é ainda mais difícil.

Dissociar de uma vez por todas o Escotismo do militarismo é uma tarefa árdua, complexa e seria necessário derrubar barreiras historicamente construídas, mas sabe-se que é possível, está regulamentado em Lei as práticas pedagógicas, e mais do que as leis, estão confirmados pelos próprios participantes a importância de ser escoteiro, aprender e crescer.

Saber respeitar as diferenças e olhar as especificidades com olhar igual ainda é complexo por todo aparato histórico que se tem instituído a tempos, mas deve-se acreditar sempre na importância da educação, e nesta como a única forma de emancipar os sujeitos, dar conhecimentos e autonomia necessários, e libertá-los da situação de oprimidos.

Conclusão:

Durante todo período de pesquisa investigativa, tivemos o anseio da necessidade de repostas, principalmente ao que diz respeito quanto às práticas escoteiras, pedagógicas ou militares? Um campo de atuação para o pedagogo, ou um campo de concentração para formação de futuros militares?

Impasses quanto a estas questões funcionaram como uma impulsão para investigação e a chegada de conclusões dos resultados. A filosofia escoteira vem acompanhada de grandes conflitos como o período da primeira Guerra Mundial, momento em que o escotismo nascia na Inglaterra e as Guerras explodiam em todo mundo.

Quando chega ao Brasil, o movimento escoteiro é criticado por estudiosos que afirmavam este, como sendo responsável pela militarização da infância, neste processo histórico, observa-se o quanto o movimento foi criticado e principalmente tendo a sua essência alterada, esta explicação deve-se principalmente ao fato do fundador ser um militar.

No entanto, ao longo da investigação, observaram-se práticas que vão além dos protótipos rigorosos e padronizados do militarismo, no percurso investigativo, as práticas escoteiras ficaram evidenciadas como uma importante metodologia de ensino vasta e eficaz no processo de ensino – aprendizagem, e que ao longo do tempo, o escotismo vem tomando forma cada vez mais pedagógica e educativa.

O problema era compreender quais eram as práticas pedagógicas, e de que forma aconteciam no escotismo, foi evidenciado não apenas as práticas como uma importante forma de atividade interativa, mais também como um campo de atuação para o pedagogo, trazendo importantes contribuições para o meio educativo.

Todos os objetivos iniciais foram contemplados ao longo de toda metodologia utilizada, com essa iniciativa, esperamos com esse trabalho contribuir com o exercício prático do escotismo e produção de fundamentos pedagógicos para sistematização dessa prática, além de socializar em nível acadêmico tais experiências, ampliando as possibilidades interventivas que a pedagogia apresenta.

Referencias bibliográficas:

ARRUDA, José Jobson de A. **A história moderna e contemporânea**. 8. ed. São Paulo, Ática, 1977.

BARREIRA, Karla Vignoli Vegas. **Prática em extinção ou em processo de renovação?** *Um estudo sobre a supervisão educacional*. Dissertação, (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Os caminhos cruzados**: formas de pensar e realizar a educação na América Latina. São Paulo, Cortez, 1984.

BORBA, A. M. **O brincar como modo de ser e estar no mundo**. In, Ministério da educação, ensino fundamental de nove anos: orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

BOULANGER, Antonio. **O Chapelão: Histórias da vida de Banden Baden-Powell**. Letra Capital. RJ, 2000.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, Editora UNESP, 1999.

CORTI, Ana Paula. **Segunda Guerra Mundial**: Conflito matou milhões de pessoas. Disponível em: educacao.uol.com.br/historia/ult1704u63.jhtm
Acesso: 02.04.2010.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas - SP, Ed. Autores Associados, 1996.

DURKHEIM, Émilie. **Educação e Sociologia. 1958-1917**. São Paulo: Melhoramento [Rio de Janeiro] Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

União dos Escoteiros do Brasil: **Ações na área de meio ambiente, 2008 – 2009**. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/conjuve/conjuve_eleicao.pdf

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Educação & Sociedade**. Vol. 28, nº. 99. Campinas: SP, Mai/Ago. 2007.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1996

FREIRE, P. NOGUEIRA, A. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 2005. (Continuar corrigindo espaçamento, 0 espaço simples)

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Conclusão: Desafios da Educação Pós-moderna.** In: *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo, Ática, 1993

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política:** impactos sobre associativismo no terceiro setor. – 4.ed. – São Paulo, Cortez,2008.

_____. *Teoria dos movimentos sociais*. 4a ed. São Paulo, Loyola, 2004.

KOSHIBA, Luis, **História do Brasil**. 5º ed. São Paulo, Atual, 1987

LIBÂNEO, C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 6. ed. São Paulo: Cortez; 2002.

_____. **Pedagogia e pedagogos: Inquietações e buscas..** Educar, Curitiba, n. 17, p. 153 – 176. 2001. Editora da UFPR

MACHADO, E. M. & CORTELAZZO, I. B. C. (Org.). **Pedagogia em debate** On-Line- Textos Completos 2002.

MONTESQUIEU. **O Espírito das Leis**. São Paulo Martin Claret, 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Problemas de educação escolar e extra-escolar**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

BADEN-POWELL, Baden. **Caminho Para o Sucesso**. 2ª ed. Editora Escoteira. 1984.

RABELO, Ricardo Rocha. **A educação extra-escolar no grupo escolar Baden-Powell de Aracajú – SE:** Olhares de uma prática pedagógica. . Disponível em: educacao.uol.com.br/historia/ult1704u63.jhtm Acesso: 02.11.2009

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. – São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Caminho Para o Sucesso**. 2ª ed. Editora Escoteira. 1984.

SOARES, Antonio Jorge. **Dialética, Educação e Política: Uma releitura de Platão**. 2ªed. São Paulo Editora Cortez 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. **A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira**. Caderno Cedes, Campinas, ano XX, n. 52, nov. 2000.

THOMÉ, Nilson. **Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra-Escolar**. Revista HISTEDBR. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.

TRILLA, Jaume. **A educação não-formal**. In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria A. (org.) Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008. (pp. 15-58).